

**GRAMATICALIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO
SINTAGMA VERBAL + LOCATIVO:
O CASO DA UNIDADE PRÉ-FABRICADA ‘VAMOS LÁ’**

Ana Cláudia Machado dos Santos (UFF)

ana.machado@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A visão funcionalista da língua compreende a gramática como um sistema formado pelas regularidades decorrentes das pressões do uso, relacionadas às intenções comunicativas dos falantes, incluindo seus interesses e necessidades pragmático-discursivos. Para atender a essas demandas, novas formas gramaticais se desenvolvem para suprir lacunas geradas por trocas comunicativas ou em função de novos conteúdos cognitivos para os quais não dispunham de formas adequadas.

A partir desse panorama, evidencia-se o processo de gramaticalização, neste artigo definimos gramaticalização como um processo de mudança linguística a partir do qual determinados itens lexicais e/ou construções tendem a se tornar gramaticais ou se gramaticais, tornam-se mais gramaticais e, analisamos através da construção Sintagma Verbal + Locativo em sua gradualidade sincrônica, por meio da unidade pré-fabricada (UPF) ‘vamos lá’.

Ainda segundo a perspectiva funcionalista, a frequência de uso é uma variável importante para que práticas discursivas e usos linguísticos motivados pragmaticamente possam se tornar formas habituais de comunicação de uma comunidade, constituindo-se de ritualizações, cristalizações de expressão (forma) para um sentido (função). Os itens dessas unidades perdem sua autonomia e deixam de exprimir seu sentido original, passando a exprimir um novo sentido que visa à eficiência comunicativa, consagrando-se assim entre os falantes. Nessa perspectiva, Erman e Warren (2000) definem as unidades pré-fabricadas (UPFs) como convencionalizações de itens postos em sequência e que, pela franca utilização dos falantes e aceitação da comunidade linguística, tornam-se um modo eficiente e regular de prática comunicativa, estabelecendo-se como um

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

mecanismo utilizado cotidianamente tanto na modalidade falada quanto na escrita.

Em seus estudos, Hopper se interessa por identificar os estágios principiantes pelos quais um item e/ou construção atravessa no processo de gramaticalização e elabora cinco princípios que visam verificar suas tendências gerais. No *corpora* pesquisado, a construção ‘vamos lá’ apresenta gradações de sentido co-existindo como UPF e como sintagma verbal + locativo. Seguindo Hopper estamos diante da divergência, considerado o estágio no qual as formas originais convivem simultaneamente com as novas; o conceito de divergência, então, reside nos sentidos diferentes que coexistem nessa fase. Observamos, como podemos ver nas análises, que alguns sentidos tendem a se especializar em algumas funções específicas. Nesse estágio identificamos outro princípio: a especialização, através do qual há uma possibilidade de escolha dentre os itens de nuances diferentes de significado no processo de gramaticalização, ou seja, há uma redução nessa possibilidade de escolha. Em resumo, dentro de um domínio funcional amplo, novas camadas emergem continuamente. Quando isso ocorre, as camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, mas podem continuar a coexistir e a interagir com as camadas mais novas. Traugott retoma Hopper e postula que as camadas são as nuances de sentido, portanto são polissemias. Esse sentido de polissemia se relaciona ao estágio em que um item ao dar lugar a uma forma polissêmica pode favorecer a sua gramaticalização.

UNIDADES PRÉ-FABRICADAS (UPFS): O PRINCÍPIO IDIOMÁTICO E O PRINCÍPIO DA LIVRE ESCOLHA

Conforme Bybee (no prelo), devido à crescente autonomia e opacidade de sua estrutura interna, as construções são capazes de assumir novas funções discursivas que surgem a partir dos contextos em que são comumente usadas. Tais construções, a partir de motivação pragmático-discursiva e da frequência de uso, tornam-se convencionalizadas e, por consequência, mais disponíveis.

As unidades pré-fabricadas estão incluídas entre os processos de gramaticalização por se constituírem de combinações de palavras

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

numa forma específica com alta vinculação sintático-semântico, que são convencionalizadas de forma a atender as demandas inerentes às atividades comunicativas para funções específicas.

Segundo Erman e Warren (2000) as UPFs são combinações de palavras compostas de, pelo menos, dois constituintes que carregam um único sentido convencionalizado numa forte ligação semântico-sintática, sendo desenvolvidas pelos falantes nativos e escolhidas dentre outra de sentido análogo, mas não tão convencionalizado.

A principal característica para identificação de uma UPF é a imobilidade de seus constituintes, sendo denominada de *restricted exchangeability*. A alternância implicaria mudança de sentido ou de função ou de *idiomaticity*. Também não é permitido que existam variações sintáticas em sua composição, tais como: ser negada, ser inserido outro constituinte.

A discussão sobre as UPFs partiu de Sinclair (1991 *apud* Erman e Warren, 2000) que entende todo e qualquer texto, oral ou escrito, como o resultado da combinação de dois princípios: o princípio da livre escolha (*open-choice principle*) e o princípio idiomático (*idiom principle*). O primeiro rege escolhas livres de itens lexicais para a formação do discurso; o segundo lança mão de um repertório pré-existente de combinações lexicais.

Segundo Erman e Warren (2000), é possível identificar quatro grandes classes prototípicas dessas construções: as lexicais, as gramaticais, as pragmáticas e as reduzidas. Neste artigo trataremos apenas das pragmáticas por considerarmos que a UPF ‘vamos lá’ está a elas relacionada.

Unidades pré-fabricadas (UPFs) pragmáticas

Compõem-se de combinações curtas, criadas nas interações como instrumentos funcionais, em geral são relativamente invariáveis e não se articulam diretamente no conteúdo proposicional de uma sentença, ou seja, são mais independentes no texto o que sugere um estágio maior de gramaticalização. Diferem das UPFs gramati-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

cais, já que essas ocorrem dentro da estrutura sintática e as pragmáticas podem ocorrer fora da estrutura sintática.

As UPFs pragmáticas dividem-se em três categorias: Monitores Textuais (*text monitors*): marcadores discursivos, reguladores de turno, marcadores de reparação; Monitores Sociais (*social monitors*): interativos, sinalizadores de *feedback*, hesitações, reações, performativos; Monitores Metalingüísticos (*metalinguistic monitors*): aproximativos, evasivas, sinais epistemológicos, marcadores atitudinais.

Estas unidades tendem a ser multifuncionais, a mesma UPF pode ter mais de uma função em diferentes contextos ou nos mesmos contextos. Porém uma função é sempre predominante das outras que se fazem evidentes através de características contextuais particulares.

MECANISMOS DA MUDANÇA: METAFORIZAÇÃO, METONIMIZAÇÃO, SUBJETIFICAÇÃO E INTERSUBJETIFICAÇÃO

Para analisar uma unidade pré-fabricada, no que tange a sua estrutura convencionalizada, devemos considerar os mecanismos metafóricos, metonímicos, subjetivos e intersubjetivos envolvidos em sua construção.

Metaforização

Em primeiro lugar trataremos da metaforização, que se caracteriza pela mudança de significado de um item e/ou construção que passa de um domínio cognitivo mais concreto para um domínio mais abstrato. Traugott e Dasher (2005, p. 76) observam que o conceito de metáfora foi ampliado e de um sentido de desvio do sentido literal de um item passa a um aspecto fundamental tanto da cognição quanto da linguagem humana. O processo de metaforização não se dá de forma abrupta e descontínua. O autores (*ibidem*, p.77) dizem que i-

nicialmente as mudanças motivadas pela metáfora foram conceituadas como essencialmente descontínuas e abruptas em razão de envolver um domínio de experiência em termos de outro e operações entre domínios diferentes. Entretanto, foi colocada a hipótese de que aspectos das imagens-esquema abstratos associados com as significações origem e destino são preservados em todo mapeamento metafórico, visto que tais significados condicionam um ao outro experiencialmente. Continuando com o exemplo do verbo *ir*, que nos interessa especialmente neste estudo, podemos observar que em seu processo de gramaticalização o item se deslocou do domínio espacial, passando a funcionar em um domínio temporal como um marcador de futuro e torna-se ainda mais abstratizado nas unidades pré-fabricadas.

Metonimização

O segundo mecanismo, a reinterpretação contextual ou metonimização, caracteriza-se pela extensão de sentido do item e/ou construção baseado no estabelecimento de um contato mental entre um ponto de referência e outro, mesmo que implicitamente. O processo de metonimização alarga o sentido original de metonímia e o que antes consistia no emprego de um item lexical por outro, dada a relação de semelhança ou a possibilidade de associação entre tais itens dentro de um mesmo domínio, amplia-se, passando a se basear em domínios mais amplos ou esquemas cognitivos.

Buscaremos as considerações de Traugott para compreendermos esse mecanismo, porque entendemos que sua sistematização é a que melhor dá conta do processo.

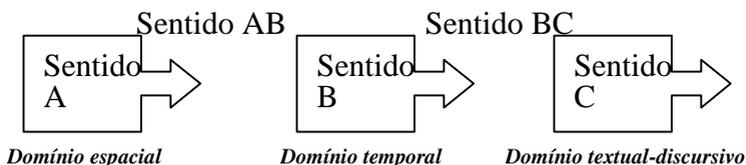
Em Traugott e Dasher (2005, p. 80) podemos entender como o significados pragmáticos puderam estender o conceito de metonímia. Segundo os autores tais significados abriram caminho para pensar em conceitual, entendendo-a como uma linguagem interna que surge dos contextos sintagmáticos da língua em uso, das associações, da contiguidade e da indexicalidade e transformando-a em uma poderosa alternativa para a metáfora, já que é a chave para a conceitualização da mudança semântica no contexto.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Entendendo dessa maneira, a metonímia pode levar à metáfora. Sobre isso os autores observam que quando pensamos nas mudanças em termos de seus contextos sintáticos e, ultimamente, discursivos as associações decorrentes do contexto podem ser entendidas como o mecanismo principal atuando na mudança. Essas associações podem ser trabalhadas em termos de inferências sugeridas advindas do significado pragmático.

Nesse caso, as metáforas sobreviventes são entendidas como moldes, ou modelos mentais forçando tipos de inferências sugeridas que se tornam marcantes e, em muitos casos, resultado de mudanças decorrentes de semantização de inferências sugeridas generalizadas. Ou seja, as interpretações feitas a partir do contexto nem sempre são codificadas. Muitas vezes são sugeridas através de inferências, as quais os falantes podem lançar mão através de sua subjetividade para exprimirem sua expressividade e determinado uso pode se tornar convencionalizado e, então, passar a ser codificado.

O sentido de complementariedade entre a metaforização e a metonimização proposto pelos autores promove uma continuidade nos estágios da mudança semântica. Nesse sentido um item e/ou construção antes de sua mudança por metaforização, que determinaria a transferência de um domínio para outro, passaria por estágios de metonimização, ou seja, teriam uma abstratização gradativa. Exemplificando o processo através do verbo *ir*, podemos dizer que a completa metaforização do verbo *ir*, indo de um domínio de espaço passando pelo de tempo e chegando até o de texto, estaria permeado de diversas significações diferentes com nuances de sentido distintas, ou seja, a partir de processos de metonimização. Tais nuances seriam convencionalizações das inferências sugeridas pelas implicaturas conversacionais.



Subjetificação e intersubjetificação

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

A subjetificação consiste num processo em que os falantes da língua ao longo do tempo tendem a demonstrar e codificar suas perspectivas e atitudes advindas das relações comunicativas do evento do ato de fala, ou seja, das implicaturas conversacionais e não dos eventos ou situações do mundo “real”, desenvolvendo, assim, novos significados para itens e/ou construções já existentes. A intersubjetificação consiste num processo cujo foco está no ouvinte, ou seja, o falante passa a codificar significados em relação às atitudes do ouvinte. Dessa forma, pode-se dizer que a subjetificação está centrada no falante e a intersubjetificação está centrada principalmente no ouvinte.

Traugott e Dasher priorizam os aspectos semânticos e pragmáticos da gramaticalização, isso significa dizer que sua abordagem é permeada por questões discursivas e de uso. Para tratar das mudanças semânticas nesse nível, baseiam seu pensamento num *continuum* que vai do mais referencial para o mais expressivo. Ou seja, os itens e/ou construções saíam de um sentido fundado em situações extralinguísticas passando por um sentido fundado no texto e chegando a um sentido fundado na expressão do falante e não vice-versa. Esse sentido expressivo teria seu embasamento numa atitude mais pessoal ao contrário do proposicional, que corresponderia a uma atitude menos pessoal. No estágio expressivo, o falante tem um papel fundamental já que sua atitude com respeito à situação discursiva ancorada no contexto poderá promover gramaticalização.

Segundo Traugott e Dasher (2005, p. 89), a subjetificação, assim como a intersubjetificação, vem a ser de interesse particular no contexto da discussão da gramaticalização, porém não é limitada a esse processo já que é típica de mudanças semânticas gerais. E ainda (*ibidem*, p. 97), a subjetificação é considerada por eles como o principal tipo de mudança semântica. A intersubjetificação é subordinada a ela, já que não pode ocorrer sem subjetificação. Na visão dos autores a subjetificação é associativa e metonímica ao ato de comunicação do falante, mais especialmente para a atitude dos falantes. Sendo mais interessante, linguisticamente, a expressão da atitude do falante com respeito a factualidade da proposição e com respeito a postura retórica argumentativa a ser tomada.

Para Traugott e Dasher (2005) a intersubjetificação é mais útil pensada paralelamente à subjetificação, na medida em que se codifi-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

ca a expressão do falante em atenção a sua auto-imagem ou ao ouvinte, em um sentido social ou epistêmico. Há uma interdependência entre os dois processos: a intersubjetificação não existe sem um grau de subjetificação. Isto porque o falante revela pontos de vista em andamento na negociação interacional da produção discursiva, quando estes pontos de vista codificados sinalizam a atenção particular do ouvinte, a intersubjetificação ocorre.

ANALISANDO OS DADOS

Demos ênfase a uma análise qualitativa a fim de demonstrar os mecanismos semântico-pragmáticos da mudança semântica, por isso trouxemos parte do *corpora* que estamos utilizando na pesquisa acadêmica.

Na gramaticalização da UFP ‘vamos lá’ a presença do sintagma verbal *ir* na 1ª. pessoa do plural nos parece um exemplo mais acentuado da transição e complementaridade dos mecanismos de subjetificação e intersubjetificação, já que o verbo nessa pessoa do discurso demonstra uma integração maior entre o falante e o ouvinte. Essa percepção se deve exatamente ao fato de que na subjetificação o falante demonstra e codifica suas perspectivas e atitudes e, na intersubjetificação, as mesmas apontam para o ouvinte, deixando clara a atitude do falante. A utilização da forma verbal *ir* nessa pessoa do discurso garante a intenção de compartilhamento de ideias e atitudes.

Além da questão da atitude e da propriedade cognitiva da linguagem advinda da díade falantes-ouvintes, a pressão estabelecida nos contextos discursivos para que as trocas conversacionais sejam pautadas no princípio de informatividade ou relevância¹²³ leva à convencionalização das implicaturas conversacionais que se tornam, pela frequência de uso, formas de expressão rotinizadas de uma comunidade linguística. Dessa forma, podemos perceber a transição do

¹²³ Segundo Loghin-Tomazi, este princípio compreendido sob um ponto de vista contextualizado, é o fator capaz de (i) conduzir os falantes à maior clareza e especificidade, por meio de códigos gramaticais; e (ii) levar os falantes à seleção de interpretação mais informativa ou relevante, dentro de um dado contexto.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

conversacional para o convencional, favorecendo a gramaticalização da forma verbal *vamos* e do locativo *lá* na UFP.

A metaforização do sentido de termo verbal *vamos* e do locativo *lá*, favorecida pelos contextos de uso (metonimização), demonstra, através da UFP em análise, a passagem do mecanismo de subjetivação para o de intersubjetivação.

Selecionamos os exemplos abaixo retirados respectivamente de uma propaganda de bicicleta da marca Orbea veiculada na *internet* e de um artigo de opinião veiculado na revista *Veja* e assinado por Millôr Fernandes. Consideramos estes exemplos representativos da distinção que desejamos fazer em relação à codificação das marcas de subjetivação e intersubjetivação.

(1) Tens uma ORBEA???? Vá lá, mostra-a!124

(2) O caso antigo, da carochinha, que traz imediatamente à imagem de Lula, compromete mais Lula pela comparação com AliBabá, ou compromete mais Ali, comparando-o a Lula? Vamos lá. Lula, que, sem contatos maiores, descobriu que haviam 300 picaretas no Congresso, como não percebeu, já no poder, os 40 picaretas (e também, oláá, muitos foices e martelos) que lhe estavam em volta? Revista *Veja* edição número 1.953 de 26/04/2006

No caso de ‘vá lá’ do exemplo (1), podemos observar que o sintagma verbal na 3ª. pessoa do singular apresenta um caráter maior de subjetivação, já que tende a demonstrar e codificar a perspectiva e atitude do falante que se manifestam através das relações comunicativas. No exemplo (2), o sintagma verbal na 1ª. pessoa do plural movimenta o foco para o ouvinte, ou seja, o falante passa a codificar significados em relação às atitudes do ouvinte. Percebe-se a maior expressividade codificada na UFP através da orientação do falante com respeito à situação discursiva ancorada no contexto do ato de fala. A atitude rumo a veracidade da proposição e uma tomada de postura retórica argumentativa objetivando o envolvimento do destinatário em seu ponto de vista, são fatores que indicam os mecanismos de intersubjetivação inerentes às mudanças semânticas.

¹²⁴ Exemplo retirado do site:

<http://www.forumbtt.net/index.php?topic=42311.msg492302>, acessado em 18/01/2009.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Com relação aos mecanismos metonímicos podemos pensar em uso convencionalizado das construções, já que suas interpretações foram sugeridas através de inferências feitas a partir do contexto. Os falantes, então, rotinizaram estas UPFs fortalecendo sua expressividade nestas situações discursivas convencionalizando as implicaturas conversacionais.

A construção com o termo verbal ‘vamos’ atua como uma forma linguística sistematizada para exprimir a parceria de pontos de vista entre o falante (jornalista) e o ouvinte (leitor), caso esse típico dessa tipologia textual. Percebe-se, então, a importância do contexto na análise das UPFs já que a sequência tipológica dissertativa dentro do gênero artigo de opinião motiva o surgimento da unidade pré-fabricada ‘vamos lá’, uma vez que o autor tenciona persuadir o seu leitor de forma que o faça concordar e assumir o seu ponto de vista.

Compreendemos que tais exemplos demonstram o porquê de Traugott e Dasher (2005) afirmarem que podemos dizer que a subjetivação está centrada no falante e a intersubjetivação está centrada principalmente no ouvinte. Nesse sentido, podemos verificar que os mecanismos de subjetivação e intersubjetivação favorecem a gramaticalização da UPF ‘vamos lá’ através dos mecanismos de metaforização e metonimização.

Partindo dos mecanismos de subjetivação e intersubjetivação percebemos a convencionalização da UPF em determinados contextos de uso cuja expressão do falante, seu ponto de vista com relação à proposição, torna-se mais expressivo e portanto mais subjetivo. Como tal processo é entendido pragmaticamente, o destinatário passa a ser focado na construção de forma a demonstrar a atitude do falante em relação a ele, essa verificação pode ser realizada a partir de determinados usos e de tipologias textuais em que se inserem. A polissemia da construção sugere nuances de sentido que dispararam a reinterpretação contextual a partir de inferências sugeridas que se rotinizam e se convencionalizam codificando novos significados, fenômeno esse explicado mais adequadamente em termos de metonímia. A metaforização é percebida através da operação entre os domínios conceituais, levando um sentido concreto a um abstrato em termos de uma macro-estrutura. Observamos processos inerentes ao

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

uso da língua que, como instrumento vivo, precisa ser analisada amplamente, em mecanismos mais gerais, que abranjam todos os aspectos inseridos nele.

Expomos abaixo três exemplos em que a unidade pré-fabricada ‘vamos lá’ apresenta um gradiente de significação em que tais mecanismos de mudança se fazem presentes. O primeiro exemplo foi retirado de um inquérito do Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro (NURC), o segundo constitui amostra de inquérito do grupo de pesquisas linguísticas Discurso & Gramática e o terceiro corresponde a um artigo de opinião publicado pela revista *Veja* e assinado por Roberto Pompeu de Toledo.

a) Construção sintagma verbal *ir* + localivo *lá*:

(3) D1: *a senhora ia contar uma história... uma vez...*

L1: [

Baygon...

L2: *ah... eu fui a uma casa antiga... uma casa que pertencia a uma família amiga... então eles queriam que nós fôssemos visitar aquela... aquele solar e... antes de eles venderem queriam que a gente conhecesse... eu “pois não... vamos lá”... quando eu estou caminhando vendo aqueleas... (NURC – Inquérito 374)*

b) Unidade pré-fabricada > Monitor textual: regulador de turno

(4) I: *sim mas ... o entrevistado sou eu ...*

E: *é verdade ... vamos lá ... a parte do mar tá acabado?*

I: *é ...*

E: *você vai mexer agora só no céu?*

D&G-Natal – Informante de nível Superior

c) Unidade pré-fabricada > Monitor social: interativo

(5) *Uma charge na revista New Yorker de algum tempo atrás mostrava um cidadão da Roma antiga que, ao datar um documento, faz um gesto de desconsolo e se lamenta: “Esqueci de novo! Pus a.C. em vez de d.C.”. Explicar a graça de uma piada é a melhor forma de desmoralizá-la,*

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

mas, vamos lá, abramos uma exceção. (Revista Veja edição número 2.081 de 08/10/2008)

No exemplo (3) o verbo *ir* apresenta o sentido mais concreto de espaço e o locativo *lá* apresenta o sentido originário de lugar. Já nos exemplos (4) e (5) a forma verbal *ir* não apresenta mais o seu sentido mais concreto de movimento, tampouco um sentido mais abstrato de tempo como é utilizado em diversas perífrases verbais e o locativo *lá*, também já está mais abstratizado uma vez que não indica um lugar determinado. Apesar de o verbo *ir* já não apresentar mais o traço de movimento no espaço, conforme trata o princípio da persistência¹²⁵ de Hopper ainda conserva reminiscências de seu sentido original quando o relacionamos ao desejo do falante para que o ouvinte se desloque de um estado anterior para um novo estado. O deslocamento ainda é um traço presente, mas está acompanhado de outro traço, pragmático, de intenção.

deslocamento no espaço (emissor) > deslocamento na vontade (intenção)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na breve análise empreendida por este artigo, verificamos que a produção e circulação de variados tipos de texto tanto orais quanto escritos nas mais diferentes situações e ambientes sociais promovem o surgimento e utilização de Unidades Pré-Fabricadas. Em grande parte, percebemos que tal situação ocorre em detrimento da economia, da expressividade e da versatilidade que caracterizam as UPFs o que implica priorização e preferência nas trocas interativas e, no caso da unidade analisada neste artigo, em tipos específicos de tipologias textuais.

Apresentamos para o caso em análise um gradiente da construção sintagma verbal + locativo (exemplo 3) à UPF pragmática (exemplos 4 e 5) que atesta a polessemia de ‘vamos lá’, a partir desse fato podemos entender que em unidades mais cristalizadas o processo de gramaticalização já pode ser verificado, uma vez que em tais

¹²⁵ Alguns traços do significado lexical original de um item tendem a aderir a nova forma gramatical, e detalhes de sua história lexical podem refletir-se na sua distribuição gramatical.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

unidades já não podemos mais falar em verbo e advérbio como constituintes gramaticais. Casos como o exemplo 3 demonstram que o sintagma verbal e o locativo estão constituídos de seus sentidos e funções originais e, nos demais exemplos aqui analisados tanto o sintagma verbal quanto o locativo deixam de exprimir sua autonomia morfosintática em favor de um único sentido e expressão sistematizados e cristalizados pelo trato interacional.

Observamos que as motivações semântico-pragmáticas estudadas a partir dos mecanismos de metaforização, metonimização, subjetivação e intersubjetivação configuram as Unidades Pré-Fabricadas como um fenômeno de caráter translinguístico, pois constituem princípio inerente às línguas naturais. Diante de tal realidade a concepção funcionalista da língua busca investigar no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua e entendemos que o processo de gramaticalização da construção sintagma verbal + locativo demonstra como o uso e cognição são de fundamental importância para tal processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. **In**:: JANDA, R. e JOSEPH, B. (ed). *Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell. [no prelo]

CUNHA, M. A. F. da; RIOS DE OLIVEIRA, M.; M. E. MARTELOTTA (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2003.

ERMAN, B.; WARREN, B. The idiom principle and the open choice principle. **In**: KLEIN, Wolfgang (ed.). *Linguistics: an interdisciplinary journal of the language sciences*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000, p. 29-62.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs & Richard B. DASHER. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.